

A INFLUÊNCIA DAS EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS NA ACEITAÇÃO OU RECUSA DE CERTAS TEORIAS E PRÁTICAS CIENTÍFICAS

Gabriel Mendes Ferreira^{1, 3}; Wanderley José Ferreira Júnior^{2,3}.

¹ Bolsista PBIC/UEG

² Pesquisador - Orientador

³ Curso de Ciências Biológicas, Unidade Universitária de Morrinhos, UEG

RESUMO

O trabalho será dedicado ao estudo de como se configurou a relação entre razão e fé em momentos cruciais da evolução do pensamento ocidental, particularmente em seus pressupostos e implicações filosóficas dessa relação. O ponto de partida será a passagem do mito ao logos na origem da filosofia grega, na qual se observam as primeiras tentativas da Razão se afirmar diante do dogma da Verdade Revelada na origem da filosofia grega, substituindo a codificação mítica por uma compreensão racional do cosmos e da própria existência humana. Essa origem do pensamento racional não significa o fim do pensamento mítico baseado na experiência do sagrado. Concluindo com a retomada de alguns momentos cruciais na relação Razão [ciência] e Fé [Religião] ao longo da história do pensamento ocidental, procurando delimitar os pontos de rupturas e aproximações entre Ciência e Religião na época atual, caracterizada pelo surgimento de novos paradigmas e descobertas desconcertantes que colocam em xeque crenças e dogmas milenares, não apenas no campo das religiões, mas da própria ciência. A investigação, em uma segunda fase se dedicara a traçar o perfil desse cidadão muitas vezes cindido pelo conflito Fé e Razão, baseando-se na pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: **Razão – Ciência – Fé**

INTRODUÇÃO

A 1ª parte da investigação foi dedicada ao estudo de como se configurou a relação entre razão e fé em três momentos cruciais da evolução do pensamento ocidental, particularmente em seus pressupostos e implicações filosóficas dessa relação. Nosso ponto de partida será a passagem do mito ao logos na origem da filosofia grega, na qual se observam as primeiras tentativas da Razão se afirmar diante do dogma da Verdade Revelada na origem da

filosofia grega, substituindo a codificação mítica por uma compreensão racional do cosmos e da própria existência humana. Essa origem do pensamento racional não significa o fim do pensamento mítico baseado na experiência do sagrado. Grandes pensadores gregos [Heráclito, Parmênides, Empédocles, Pitágoras, Platão] atestam que a experiência religiosa não é incompatível com o conhecimento racional. Outro momento na relação razão / fé a ser tematizado é aquele em que realmente o conflito fé/razão tornou-se um problema fundamental para a própria sobrevivência e desenvolvimento da civilização ocidental. É o momento da recepção/recusa da racionalidade grega pelo cristianismo nos primeiros séculos da era cristã. O terceiro e último momento a ser analisado é aquele que se refere ao contexto de emergência da racionalidade técnico científica no século XVII, época em que ocorreu a passagem do Cosmo fechado, finito, qualitativamente determinado dos medievais para o Universo aberto, infinito e matematizável dos modernos. Concluiremos essa retomada de alguns momentos cruciais na relação Razão [ciência] e Fé [Religião] ao longo da história do pensamento ocidental, procurando delimitar os pontos de rupturas e aproximações entre Ciência e Religião na época atual, caracterizada pelo surgimento de novos paradigmas e descobertas desconcertantes que colocam em xeque crenças e dogmas milenares, não apenas no campo das religiões, mas da própria ciência. Numa segunda parte da investigação vamos traçar o perfil [econômico-social-religioso-cultural-psicológico] desse cidadão muitas vezes cindido pelo conflito Fé e Razão. Isso será feito através de um levantamento e coleta de dados mediante questionários específicos aplicados a uma amostragem [ampla e diversificada] da população da cidade de Morrinhos. A partir da pesquisa bibliográfica realizada na 1ª parte e de pesquisas empíricas realizadas sobre o tema, vamos analisar esses dados verificando quais, como e porque algumas crenças religiosas contribuem para a aceitação ou recusa de certas idéias científicas e inovações tecnológicas. A metodologia da pesquisa constará fundamentalmente de pesquisa bibliográfica e coleta de dados mediante pesquisas de campo e entrevistas com moradores da cidade de Morrinhos.

MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia da pesquisa constará fundamentalmente de pesquisa teórico-bibliográfica e coleta de dados de parcela da população de Morrinhos, mediante aplicação de questionários, entrevistas, debates, visando estabelecer o perfil sócio-econômico-cultural e religioso dos indivíduos consultados e o grau de aceitação ou recusa dos conhecimentos científicos básicos já estabelecidos.

Os dados obtidos na pesquisa empírica serão interpretados com o objetivo de confirmar ou negar certas hipóteses e teses levantadas a partir da pesquisa bibliográfica realizada na primeira parte da investigação. Portanto, o estudo de como parcela da população de Morrinhos vivencia a relação razão/fé servirá não apenas para avaliar as repercussões desse conflito numa população específica, mas para explicitar as semelhanças e diferenças com outros momentos da relação ciência/religião já estudados.

Apesar das questões e temas abordados no questionário/entrevista e da própria interpretação dos dados da pesquisa empírica serem de certa forma condicionados pelo resgate de alguns momentos cruciais no diálogo/conflito entre fé/razão [Religião e ciência] no plano filosófico e científico, nossa intenção é deixar, também, que o fenômeno a ser observado – a influencia das experiências religiosas na aceitação ou recusa de certas teorias e práticas científicas fale por si mesmo, tal como é vivenciado pela consciência de alguns cidadão da cidade de Morrinhos no ano 2006. A abordagem fenomenológica e seu lema. “Ir direto a questão, à coisa mesma” tal como ela se mostra a uma consciência doadora de sentido, por paradoxal que possa parecer, negam ou recusam qualquer pesquisa teórica ou empírica baseada na atitude natural [própria do senso comum, da ciência, do psicologismo, do naturalismo, do historicismo] e em idéias pré-concebidas que impedem uma visão direta do fenômeno em questão: a vivencia religiosa [do sagrado] do cidadão de Morrinhos e sua atitude diante de certas teorias e práticas científicas. Daí, nosso cuidado em não permitir que a parte teórica da pesquisa, dedicada a uma fundamentação filosófica do tema, seja um obstáculo para uma interpretação dos dados da pesquisa empírica mais próxima à realidade dos fatos.

Devido a própria natureza de nosso objeto de pesquisa, que compreende tanto o campo da objetividade científica quanto o campo do sentido, do valor, próprio da vivencia da fé, temos que nos precaver contra a pretensão ilusória de objetificar a experiência religiosa dos indivíduos estudados não privilegiando a visão objetivadora do método científico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Vivemos um momento histórico interessante e empolgante. Um momento de crise, sem dúvida, com todos os aspectos perturbadores que isto pressupõe, mas também com toda uma gama de transformações e novas possibilidades que emergem em períodos como este. Penso que para nós, pessoas envolvidas com a ciência, isto se torna particularmente interessante e empolgante, não tanto pelas novas e incríveis conquistas que se alcançam e se esboçam a cada dia, mas principalmente pelas novas possibilidades que se abrem na maneira

de se pensar e se fazer ciência. Acredito que estejamos passando por um novo renascimento, uma nova revolução no campo científico (GALLIAN, 2004).

Durante o século passado e em parte do que o precedeu, a existência de um conflito insolúvel entre conhecimento e crença foi amplamente sustentada. Prevalencia entre mentes avançadas a opinião de que chegara a hora de substituir, cada vez mais, a crença pelo conhecimento; toda crença que não se fundasse ela própria em conhecimento era superstição e, como tal, devia ser combatida. Segundo essa concepção, a função exclusiva da educação seria abrir caminho para o pensamento e o conhecimento, devendo a escola, como o órgão por excelência para a educação do povo, servir exclusivamente a esse fim (EINSTEIN, 1941).

O mito é essencialmente uma narrativa mágica ou maravilhosa, que não se define apenas pelo tema ou objeto da narrativa, mas pelo modo (mágico) de narrar, isto é, por analogias, metáforas e parábolas. Sua função é resolver, num plano imaginativo, tensões, conflitos e antagonismos sociais que não têm como ser resolvidos no plano da realidade (CHAUÍ, 2002).

A filosofia, retornando as questões postas pelo mito, é uma explicação racional da origem e da ordem do mundo. A filosofia nasce com racionalização e laicização da narrativa mítica, superando-a e deixando-a como passado poético e imaginário. A origem e a ordem do mundo são, doravante, naturais. Aquilo que, no mito, eram seres divinos (Urano, Gaia, Oceano) tornam-se realidades concretas e naturais: céu, terra, mar. Aquilo que, no mito, aparecia como geração divina do tempo primordial surge, na filosofia, como geração natural dos elementos naturais. No início da filosofia, tais elementos ainda são forças divinas. Não são antropomórficos, mas são divinas, isto é, superiores à natureza gerada por eles e superiores aos homens que os conhecem pela razão; divinas porque eternas ou imortais; porque dotadas do poder absoluto de criação e porque reguladoras de toda a natureza (CHAUÍ, 2002).

E a ciência, “filha” da filosofia é o esforço secular de reunir, através do pensamento sistemático, os fenômenos perceptíveis deste mundo, numa associação tão completa quanto possível. Falando claramente, é a tentativa de reconstrução posterior da existência pelo processo da conceituação. Mas, quando pergunto a mim mesmo o que é a religião, a resposta não me ocorre tão facilmente. E, mesmo depois de encontrar uma resposta que possa me satisfazer num momento particular, continuo convencido de que nunca consigo, em nenhuma circunstância, criar um acordo, mesmo que muito limitado, entre todos os que refletem seriamente sobre essa questão (EINSTEIN, 1941).

Ora, ainda que os âmbitos da religião e da ciência sejam em si claramente separados um do outro, existem entre as duas fortes relações recíprocas e dependências. Embora possa ser ela o que determina a meta, a religião aprendeu com a ciência, no sentido mais amplo, que meios poderão contribuir para que se alcancem as metas que ela estabeleceu. A ciência, porém, só pode ser criada por quem esteja plenamente imbuído da aspiração e verdade, e ao entendimento. A fonte desse sentimento, no entanto, brota na esfera da religião. A esta se liga também a fé na possibilidade de que as regulações válidas para o mundo da existência sejam racionais, isto é, compreensíveis à razão.

Todo este novo cenário de diálogo entre o mundo científico e a sociedade, entretanto, é apenas um aspecto do fenômeno revolucionário pelo qual passa a ciência contemporânea. A abertura, a cisão, a "crise" - no sentido positivo e original do termo - está também no interior dela mesma, como bem vinha colocando há pouco. O surgimento da bioética enquanto território de reflexão configurado no interior das ciências biomédicas é um exemplo e sinal preciso disto. Na mesma proporção e velocidade em que os conhecimentos e possibilidades técnicas avançam, demanda-se a participação de novos conhecimentos e possibilidades reflexivas. Ou seja, à complexização da técnica, corresponde a complexização da reflexão. E isto é uma lógica que diz respeito não apenas ao "controle" da ciência pela humanidade, mas, fundamentalmente, ao próprio desenvolvimento e evolução da ciência. Na verdade, na medida em que incorpora, agrega reflexão, principalmente oriundas de outros campos que não os estritamente técnicos, a ciência se complexiza e, portanto, avança, evolui - é preciso ponderar que o conceito de evolução não pode mais estar atrelado à idéia de realização (o quanto a ciência pode realizar através da técnica), mas, principalmente à idéia de complexidade (o quanto a ciência pode agregar de conhecimento através da reflexão).

CONCLUSÕES

O tema em questão parece-nos extremamente relevante, particularmente num momento em que se fala num re-encantamento da natureza operado pelas ciências contemporâneas, que tira da natureza da condição de um autômato regido por leis mecânicas previsíveis pelo instrumental matemático. Ao mesmo tempo, observa-se um fenômeno de privatização da fé, uma crescente busca de seitas, comunidades alternativas e terapias de auto-ajuda que devolvam um pouco o mistério e a magia a uma existência administrada e alienada, na qual não há lugar para o exercício da transcendência humana fora do mercado de consumo. Nesse sentido, poderíamos colocar certas questões, tais como: Como cada religião aceita, crítica e desabona o conhecimento científico? Que relação existiria entre o grau de alienação e

massificação do fiel em sua vivência de fé e sua situação sócio-econômica e cultural? Será que os pastores, sacerdotes e religiosos em geral têm conhecimento das teorias científicas que combatem e mesmo das doutrinas que defendem? Em que medida o conflito atual entre ciência e religião se assemelha e distingue dos outros momentos estudados na primeira parte da pesquisa?

O fato é que ao fim dessa pesquisa poderemos, quem sabe, chegar à conclusão de que devemos combater qualquer espécie de fanatismo e sectarismo que em nome de uma suposta verdade absoluta, seja ela religiosa ou científica, promova a intolerância e o desrespeito ao outro, ao diferente. O homem é um ser de múltiplas dimensões e interações com o meio e consigo mesmo, certamente tanto a ciência quanto a religião contribuem para a compreensão de sua inserção e situação no mundo, ainda que seja para lhe revelar sua pertença a um outro mundo ou o absurdo de uma existência cujo sentido cabe ao homem conferir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERTRAND, Jordan. **O Espetáculo da Evolução – Sexualidade, Origem da Vida, DNA e Clonagem**. São Paulo: Jorge Zahar.
- BURT, E. **As Bases Metafísicas da Ciência Moderna**. Brasília: Ed. UnB, 1983.,
- CAPRA, F., **O Ponto de Mutação**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1984.
- CHAUÍ, Marilena. **Introdução a história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles**, vol. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- ELIADE, Micea.. **Tratado de História da Religião**. SP: sem dados, p. 17
- FOUCAULT, M. **O que é o iluminismo?** In: *The Foucault Reader* (Rabinow, P). New York: Pantheon Books. 1984.
- GALLIAN, Dante Marcello Claramonte. **Ética, Ciência e Biologia**. Intervenção no Encontro Anual da Academia Brasileira de Ciências, 2004. Disponível em: <www.hottopos.com/videtur30/dante.htm> Acesso em: 15 jul. 2006.
- GILSON, E. **Filosofia cristã**. SP: Martins Fontes, 1987.
- HEIDEGGER, M. **Introdução à Metafísica**. Trad. Emmanuel C. Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 1987.
- _____. **Fim da Filosofia e a tarefa do pensamento**. (Cf. *Das Ende der Philosophie und die Aufgabe des Denkens*). Op. cit. (Os pens. Vol. Heidegger)
- _____. **Heidegger e a pergunta pela Técnica**. Cad. de História e Filosofia da Ciência. Série 3, v. 6, n. 2, p. 107-138, jul-dez. 1996

- _____. **Que é Metafísica? [Was ist Metaphysik? (1929)].** In. Conferências e Escritos Filosóficos. Trad. E.Stein. SP: Abril Cultural, 1987.
- _____. **Ser e Tempo**, trad. Márcia S. Cavalcanti, Petrópolis: Vozes, 1988.
- _____. **Sobre o Humanismo [Über der Humanismus (1946)].** In. Conferências e Escritos Filosóficos. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril cultural, 1987(Os pensadores).
- JACOB, F. **Lógica da Vida** (Uma História da Hereditariedade). Trad.Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.
- JAEGER, W. **Paidéia**. SP: Martins Fontes, 1985.
- KOYRÉ, A. **Estudos de História do Pensamento Científico**. Brasília: Ed. UnB, 1987.
- LEVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- LYOTARD, J-F. **Pós-Moderno**, São Paulo: José Olympio, 1979.
- Marsden, G. M. R., & Longfield, B. J. (Eds.). (1992). **The secularization of the academy**. Oxford: Oxford University Press.
- MONDOLFO, R. **O homem na cultura antiga**. SP: Martins Fontes, 1980.
- MONOD, J. **O acaso e a necessidade**; ensaio sobre a filosofia natural da biologia moderna. Tradução de Alice Sampaio. Petrópolis: Vozes, 1971.
- PESSIS-PASTERNAK, Guitta. **Do Caos à Inteligência artificial**. trad. Luiz Paulo Rounet. São Paulo: Ed.Unesp, 1993.
- PETERS, Ted e BENNETT, Gaymon. **Construindo pontes entre a ciência e a religião**. Unesp/Loyola, 2003.
- POPPER, K., **Conjecturas e Refutações**, Brasília: Ed. UnB., 1982.
- PRIGOGINE, In: **A Nova Aliança**. Brasília: Ed. UnB, 1984.
- RUELLE, D., **Acaso e Caos**, trad. Roberto Leo Ferreira, São Paulo: Ed. Unesp, 1993.
- SOBRINHO, J. Vasconcelos. **Ciência, Religião sem Dogmas**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, s/d.
- STEGMÜLLER, W. **A Filosofia Contemporânea - I**. São Paulo: EDUSP, 1977.
- VERNANT, J-P. **Origem do pensamento antigo**. [sem dados].
- WILLIAM K. PURVES & DAVID SADAVA & GORDON H. ORIANIS & Et al. **Vida: a Ciência da Biologia: Evolução, Diversidade e Ecologia** - Vol. 2. Ed. Artmed. 6ª Edição, s/d.